

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

“No Brasil, a atriz diz que gostaria de encontrar os Binoches daqui: ‘Queria desculpar-me’. Do quê?”
Estadão e loc. cit.)

No filme *O Paciente Inglês*, a cena em que o soldado de cabelos longos, ao cair da noite, leva a bela Juliette Binoche a uma mesquita e, com o uso de fogos de artifício no lugar de lanternas e material de alpinismo, dança no ar com ela entre as pinturas nas paredes do templo, pelos fogos iluminadas. L. C. Merten, no Estadão citado no título, refere-se à recente vinda da grande atriz francesa ao Brasil (de 29/11/ a 1º/12/19).

Sobre a fama de difícil de Krzysztof Kieslowski, ela diz: “Mas de onde vem isso? Como se criou essa lenda: Kieslowski fazia filmes duros, críticos, intimistas, pungentes, mas pessoalmente era um homem encantador. Sabia onde colocar a câmera, tinha uma relação de muita proximidade e entendimento com seu diretor de fotografia. Apesar do tema, *A Liberdade É Azul* (primeiro filme da chamada Trilogia das Cores, que inclui também *A Igualdade é Branca* e *A fraternidade é Vermelha*), permanece na minha memória como uma das filmagens mais leves de que participei. Ríamos muito, ele contava histórias. Havia um clima de entendimento e felicidade. Pura alegria.”

A propósito da antepassada brasileira, nos anos 1830: “Sempre fantasiei muito a história de que haveria Binoches negros no Brasil. Meu tataravô era banco, francês e fez sexo com sua escrava, com quem teve filhos, nos anos 1830, e criando uma descendência que levou para a França, onde terminou por se dispersar. Meu sangue brasileiro é negro e gostaria de localizar esses Binoches, se existissem, para pedir perdão. Minha antepassada não tinha escolha. Não sei que vida tiveram, mas ele usou seu direito de senhor. Sempre achei que tinha uma dívida.”

A propósito do colaboracionismo dos franceses (com os nazistas) durante o regime de Vichy, na 2ª grande guerra, prefiro lembrar meu texto sobre François Truffaut: Ele realizou “Uma Mulher para Dois” (1961), “Um Só Pecado” (1964), “O Garoto Selvagem” (1970), “As Duas Inglesas e o Amor” (1971), “A Noite Americana” (1973) e “La Chambre Verte” (1978) (Artigos da APMP, 2/9/19). Binoche afirma no texto citado do Estadão: “Nós, franceses, lidamos muito mal com nosso passado. Houve resistência na guerra, mas muita gente, sim, colaborou. Restou uma herança que permanece no racismo, no apoio de parte do eleitorado à direita representada por Marine Le Pen. Mas, na verdade, não é só o colaboracionismo. Napoleão segue endeusado na historiografia oficial, mas fez coisas terríveis na campanha do Egito e da Espanha. A França escravizou, torturou e matou na Argélia, na África negra e durante muito tempo esses temas foram tabu. Deveríamos nos desculpar por isso.”

Entre as revelações de Binoche estão seus escritos: “Tenho alguma coisa escrita que gostaria de filmar. Amo a pintura, todas as artes visuais, então acho que teria prazer nisso. Mas teria de parar, focar. Ficar dois ou três meses só pensando no meu filme. Tenho uma agenda lotada, gosto do que faço e agora não tenho tempo. Talvez um dia...”

Binoche também se detém em sua experiência em poesia e cantar, mas preferiu deixar o assunto para outra ocasião.